

## BARTHES EM ESPANHOL: A RECEPÇÃO E A TRADUÇÃO\*

Luis García Soto  
Universidade de Santiago de Compostela

### Resumo

O presente trabalho é um estudo sobre a recepção e a tradução de Barthes em espanhol. Nele, por tanto, som analisados: dum lado, o processo de publicação dos textos barthesianos, cos comentários e os siléncios que suscitárom, no mundo cultural hispánico; doutro lado, os caracteres das traduçõs, coas dificultades lingüísticas gerais e as textuais específicas (ligadas ao seu vocabulário e à sua composición) próprias dos textos barthesianos. Assemade, é deitado um olhar sobre o sentido e o tecido filosóficos conceptuais da obra de Barthes.

*Palavras chave:* Barthes, tradução, recepção, interpretação.

### Abstract

The aim of this paper is to study Barthes's reception and translation into Spanish. In this article, therefore, we analyse, on one hand, the publication process of Barthes's texts, with the commentaries and also the «silences» that they raised in the hispanic culture, and on the other hand, the translation difficulties, both linguistic and textual (these due to its vocabulary and its composition), found in Barthes's texts. Moreover, we take a glance over the conceptual network and philosophical sense of Barthes's work.

*Key words:* Barthes, translation, reception, interpretation.

## I. A Recepção

### *A recepção espanhola*

Para começar, abordarei a recepção de Roland Barthes em espanhol. Antes, devo aclarar que me servirei —liberrimamente— da palavra «espanhol» para dizer igualmente «hispánico», seja americano seja catalám, galego ou basco. Falarei, por tanto, da publicação dos livros de Barthes, e tamém dos comentários que a sua obra suscitou, em (calquer) língua espanhola.

Queria agora fazer umha consideração geral: a recepção dumha obra,

---

\* Originariamente, este texto, sob o título «Barthes en espagnol: la réception et la traduction», foi apresentado no ciclo *Rendez-vous avec Roland Barthes*, Bayonne, avril-mai-juin 1995. Parcialmente (e sumariamente), foi reproduzido em *Atlantica littéraire*, Supplément au numéro 17 de juin 1995, Biarritz, O.N.I., 1995, pp. 13-15. Devidamente actualizado, foi traduzido ao galego por M. T. Roca.

neste caso os textos de Barthes, implica umha mudança de contexto, mais exactamente a inscrição numha outra cultura, que tem a sua própria projecção social e o seu próprio enraizamento histórico. Haverá, pois, que ter cuidado porque hai diferenças importantes entre a cultura francesa e a cultura espanhola. Vou indicar só duas:

1ª) A primeira é umha diferença —digamos— formal: a ausência ou a privação de liberdade até 1977 em Espanha (e nalgum momento também em Argentina). Isto condiciona a recepção: por umha parte, a aparição dos livros de Barthes e, por outra, a leitura e os comentários dos textos barthesianos publicados.

2ª) A segunda é umha diferença —digamos— material: hai temas e valores, figuras e instituições, em suma contidos e referências culturais que som diferentes. Em consequência, da cultura francesa à cultura espanhola, a avaliação dos textos de Barthes cambiará muito. Quer dizer, a acolhida e o sentido que se lhes dá som às vezes muito diferentes.

### *A edição de Barthes: a topografia das publicações*

Começarei, pois, pola edição de Barthes em espanhol e, logo a seguir, passarei à recepção crítica, *i. e.*, as leituras e os comentários em espanhol da obra barthesiana.

Pois bem, examinando as edições, vou distinguir a «topografia» das publicações da «cronologia» dessas mesmas publicações. Em síntese, entendo por «topografia» o alcance das publicações: por umha parte, a sua localização, os lugares de edição e o espaço de circulação dos livros; e, por outra parte, a sua difusão, a tiragem e os destinatários destes livros.

Cumprir dizer, primeiro, que se publicáram em espanhol 24 títulos de Barthes<sup>1</sup>, praticamente todos os livros originais franceses<sup>2</sup> (agás *SE*<sup>3</sup> e as *Oeuvres complètes*) e umha colectânea de artigos. A maioria destes livros (14) fóram publicados ao mesmo tempo em Argentina, em Espanha e em

<sup>1</sup> Para assinalar a referência (e diferenciar os textos claramente), citarei as edições originais francesas por meio de abreviaturas e as traduções espanholas polos seus títulos completos.

<sup>2</sup> Referirei-me a eles coas seguintes abreviaturas, citando sempre pola última edição assinalada: *DZ*: *Le degré zéro de l'écriture*, 1953, 1972; *MM*: *Michelet par lui-même*, 1954; *MT*: *Mythologies*, 1957, 1970; *SR*: *Sur Racine*, 1963, 1979; *EC*: *Essais critiques*, 1964, 1971; *EL*: «*Éléments de Sémiologie*», 1964; *CV*: *Critique et vérité*, 1966; *SM*: *Système de la mode*, 1967; *AR*: «*L'ancienne rhétorique*», 1970; *ES*: *L'empire des signes*, 1970, 1980; *SZ*: *S/Z*, 1970; *SA*: *Sade, Fourier, Loyola*, 1971, 1980; *NE*: *Nouveaux essais critiques*, 1972; *PT*: *Le plaisir du texte*, 1973; *BB*: *Roland Barthes*, 1975; *DA*: *Fragments d'un discours amoureux*, 1977; *LE*: *Leçon*, 1978; *SE*: *Sollers écrivain*, 1979; *CC*: *La chambre claire*, 1980; *OO*: *Lobvie et l'obtus*, 1982; *BL*: *Le bruissement de la langue*, 1984; *AS*: *L'aventure sémiologique*, 1985; *IN*: *Incidents*, 1987. Apesar da sua diferente natureza, incluirei nesta relação, coa sigla *GV*, *Le grain de la voix. Entretiens 1962-1980*, 1981.

<sup>3</sup> Na verdade, está parcialmente editado: o texto «Drama, poema, novela», o mais extenso dos seis que integram *SE*, apareceu na tradução de *Théorie d'ensemble* (Paris, ed. Seuil, 1968): Redacción de Tel Quel, *Teoría de conjunto*, Barcelona, ed. Seix Barral, 1971, pp. 29-47.

México, por editoriais hispano-americanas (em concreto, 8: *CV*, *DZ-NE*, *PT*, *SZ*, *MT*, *PT-LE*, *DA* e *GV* por Siglo XXI; 3: *OO*, *BL* e *AS* por Paidós Ibérica<sup>4</sup>; 2: *SM* e *CC* por Gustavo Gili; e 1: *MM* por Fondo de Cultura Económica). Outros (3) fórom editados independentemente primeiro em América (*EL* e *AR* por Tiempo Contemporáneo e *SA* por Monte Ávila) e depois em Espanha (*EL* por Alberto Corazón, *AR* por Buenos Aires e *SA* por Cátedra), tendo circulado por ambas as partes umhas e outras versons. Os outros títulos restantes (7) fórom publicados em Espanha (*EC* por Seix Barral, a colectánea *¿Por dónde empezar?* por Tusquets, *BB* por Kairós, *IN* por Anagrama, «*SR*»<sup>5</sup> por Alfaguara e *ES* por Mondadori) mas tamém fórom distribuídos em América. Hai, além destas, outras publicaçons: polo menos, umha quinzena de obras colectivas contendo cousas de Barthes. Aparecérom em Espanha e em América sobretudo nos anos 60 e 70. Por outra parte, tres livros de Barthes fórom publicados em catalám: *CV*, em 1969; *DZ-NE*, em 1973; e *IN*, em 1987. E, ainda, em basco foi publicado um, que inclui *DZ* e *PT*, em 1996.

Quanto à difusom dos livros, a tirage declarada por Siglo XXI —o principal editor hispano-americano de Barthes— é de 6.000 exemplares para a primeira ediçom e de 2.000 exemplares para as seguintes, nos anos 70 e 80. Em Espanha, as editoriais tirariam aproximadamente 1.000 exemplares nos anos 60, 3.000 nos anos 70 e 5.000 nos anos 80, para as primeiras ediçons. Estas cifras som aproximadas. Pode-se adivinhar que as cifras reais som muito mais elevadas. Quase todos os livros de Barthes conhecérom várias ediçons. Os seus destinatários, quando menos em Espanha, som sobretudo os universitários.

### *A ediçom de Barthes: a cronologia das publicaçons*

Por outra parte, temos a cronologia das publicaçons. Ao meu ver, esta cronologia estivo muito condicionada polas construçons e as restriçons da liberdade que, ao longo desses anos, existírom em Espanha (e tamém em Argentina). Com relaçom às ediçons francesas, pode dizer-se que hai cinco fases na ediçom em espanhol:

1<sup>a</sup>) De 1967 a 1972, publicou-se o «Barthes possível»: em 1967, *Ensayos críticos* (*EC*); em 1969, *Crítica i veritat* (*CV*, em catalám); em 1970, «Elementos de Semiología» (*EL*, em América); em 1971, *Elementos de Semiología* (*EL*, em Espanha); em 1972, *Crítica y verdad* (*CV*, em espanhol).

2<sup>a</sup>) Em 1973 e 1974, publicou-se o «Barthes recente»: em 1973, *El grau zero de l'escriptura i Nous assaigs critics* (*DZ-NE*, em catalám) e *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos* (*DZ-NE*, em espa-

<sup>4</sup> Editora assimesmo, desde 1990, de *CC*, primeiro publicada, em 1982, por Gustavo Gili.

<sup>5</sup> Exactamente, o traduzido é só um dos tres ensaios (na verdade, o maior e nuclear) que integram *SR*: «El hombre raciniano», in J. Racine, *Seis tragedias*, Madrid, ed. Alfaguara, 1985, pp. XI-CXL.

nhol)<sup>6</sup>; em 1974, a colectânea *¿Por dónde empezar?*<sup>7</sup>, *El placer del texto* (PT) e «La antigua retórica» (AR, em América).

3ª) De 1977 a 1980, publicou-se o «Barthes passado»: em 1977, *Sade, Loyola, Fourier* (SA, em América); em 1978, *Sistema de la Moda* (SM) e *Roland Barthes por Roland Barthes* (BB); em 1980, *S/Z* (SZ) e *Mitologías* (MT), este já póstumo; e, ainda caberia incluir nesta fase, em 1982, *La antigua retórica* (AR, em Espanha)<sup>8</sup>.

4ª) Em 1982, publicou-se o «Barthes último»: *Fragmentos de un discurso amoroso* (DA), *Lección inaugural* (LE)<sup>9</sup> e *La cámara lúcida* (CC); cabendo engadir, ao fio destes textos, a aparição em 1983 da colectânea de entrevistas *El grano de la voz* (GV).

5ª) De 1986 a 1990, por último, publicou-se o «Barthes póstumo»: em 1986, *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces* (OO); em 1987, *Incidents* (IN, em catalán) e *Incidentes* (IN, em espanhol); em 1988, *El susurro del lenguaje. Más allá de la palabra y la escritura* (BL); em 1990, *La aventura semiológica* (AS). Cumpre engadir aqui uns títulos anteriores: «El hombre raciniano» («L'homme racinien», o ensaio central de *SR*) em 1985, *Michelet* (MM) em 1988 e *El imperio de los signos* (ES) em 1990.

Com posterioridade a 1990, apareceu *Sade, Fourier, Loyola* (SA, em Espanha) em 1997, restando só sem publicar em espanhol, por tanto, umha edição íntegra de *SR* e o livro *SE*. Por outra parte, em basco, saírom *DZ* e *PT* reunidos num volume, sob o título *Idazkuntzaren zero gradua eta testuaren plazerra*, em 1996.

Enfim, esses nossos cinco rótulos, creio, explicam-se por si mesmos: o «Barthes possível» é o admissível naquela altura no contexto hispánico, mentres que o «Barthes recente», o «Barthes passado», o «Barthes último» e o «Barthes póstumo» dim respeito à cronologia (e, os dous rótulos derradeiros, assimesmo às etiquetas) das edições francesas.

### A recepção crítica: os comentários

Venho de falar da edição, vejamos agora a recepção crítica. Pois bem, como foi recebido Barthes na cultura espanhola? Quais fórom as respostas —as leituras e os comentários— aos seus textos? Sumariamente, pode dizer-se que houve *inter nos* umha «recepção silenciosa»: dumha parte, porque hai relativamente poucas publicações sobre Barthes; e, doutra, porque nom houve «ruído»: nengum escândalo por causa dos seus textos.

<sup>6</sup> Joaquim Romaguera i Ramió informa, em *Sistema de la Moda* (p. 261), da existência dumha tradução anterior de *DZ*: *El grado cero de la escritura*, Buenos Aires, Editorial Jorge Álvarez, 1967. Dela nom tenho outra constância.

<sup>7</sup> Além do artigo «El simulacro» de M. Buffat, contém os seguintes textos de Barthes: «Respuestas», «¿Por dónde empezar?», «De la obra al texto», «Escritores, intelectuales, profesores», «La lucha con el ángel», «El tercer sentido» e «El grano de la voz».

<sup>8</sup> O título completo da publicação é *Investigaciones retóricas I: La antigua retórica*.

<sup>9</sup> Num volume cumha nova edição da tradução de *PT*: *El placer del texto y Lección inaugural*.

Ora, acabo de dizer que hai poucas publicações sobre Barthes: isto é verdade para a imprensa (os jornais e as revistas), mas também para os trabalhos científicos, académicos ou universitários.

Assi, na imprensa nom haverá mais dumha quinzena ou vintena de artigos. De maneira aproximativa, pode-se dizer que hai um artigo de jornal por livro publicado, alguns artigos sobre alguns acontecimentos e algumas entrevistas com Barthes. Pola contra, a extensom e amplitude da localizaçom destas publicações som surprendentes: atopam-se por todas partes, hai-nas em jornais nacionais, regionais e mesmo locais. Eu lim artigos em *El País*, *ABC*, *La Voz de Galicia*, *Levante*, *Diario 16*, etc. Mas, até o de agora, só um jornal —que eu saiba— consagrou um suplemento monográfico (*i. e.*: algumas páginas monográficas) a Barthes: *La Nueva España*, da cidade de Oviedo, o 23 de março de 1990. Na minha opiniom, o momento da maior atençom jornalística foi desde finais dos anos 70, desde a apariçom de *BB* em espanhol, em 1978, até à morte do autor em 1980. Nesta época, lembro que a televisom espanhola TVE lhe consagrou umha ou duas pequenas emissoens. Nas revistas, temos ainda menos publicações sobre Barthes: alguns artigos, algumas entrevistas. Estes meus datos circunscrevem-se, é claro, a Espanha<sup>10</sup>.

Quanto às publicações científicas, académicas ou universitárias, também hai poucos trabalhos. De facto, hai quatro prólogos espanhóis nos textos traduzidos (em concreto: na tradução de *EL*, na colectânea *¿Por dónde empezar?* e nas traduções de *CC* e *ES*<sup>11</sup>). E, por outra parte, nom se atopam mais que um pequeno número de artigos sobre Barthes nas revistas culturais. Agora bem, estes trabalhos descobrem-nos uns campos de citações: quer dizer, uns domínios científicos onde ele é frequentemente e amplamente citado, discutido, contestado, defendido, em resumo criticamente incorporado. Pola contra, quanto às revistas, cumpre sublinhar que nom hai nengum número verdadeiramente monográfico sobre Barthes<sup>12</sup>. E, como na imprensa, pode-se dizer que Barthes está quase em todas partes: desde as revistas de prestígio internacional às publicações universitárias locais. E nelas atopam-se trabalhos em espanhol, em galego e em catalám.

Todo isto serve igualmente para os livros sobre Barthes. Eles descobrem-nos os principais campos/domínios da recepçom científica. Desafortunadamente, estes trabalhos fórom publicados por universidades e conhecêrom —em consequência— umha difusom restringida. Neste momento, devo citar

<sup>10</sup> Da recepçom americana, bem que quase circunscrita à Argentina, podemos fazer-nos umha idea coa bibliografia recolhida por J. L. de Diego no seu *Roland Barthes, una babel feliz*, Buenos Aires, Editorial Almagesto, 1993, pp. 78-79.

<sup>11</sup> Da responsabilidade, respectivamente: na edição de *EL*, de «Comunicación», pp. 7-12; do editor da colectânea, Félix de Azúa, pp. 7-13; do próprio tradutor de *CC*, Joaquim Sala-Sanahuja, pp. 11-26; e, assimesmo, do próprio tradutor de *ES*, Adolfo García Ortega, pp. VII-XVI.

<sup>12</sup> Curiosamente, conta cum importante volume de contribuições espanholas o número monográfico 54/55 «O regresso de Barthes/ Le retour de Barthes» da revista portuguesa *Nova Renascença* (Porto, 1994).

tres nomes: J. M. Marinas, L. G. Soto e A. Sirvent Ramos. Falemos um pouco do labor de cada um deles, atendo-nos vagamente à cronologia da sua produção barthesiana.

1º) J. M. Marinas escreveu *Los signos en sociedad*. Trata-se da sua tese de doutoramento, lida na Universidade Complutense de Madrid em 1980. Publicou também numerosos artigos «de espírito barthesiano». Por meio desta fórmula, quero dizer que trabalha menos «sobre Barthes» que «a partir de Barthes». Antes que um comentador, é sobretudo um «usuário» muito inteligente de Barthes.

2º) L. G. Soto fixo também a sua tese sobre Barthes: *Una lectura de Barthes*, apresentada na Universidade de Santiago de Compostela, em 1986. Publicou um livro *Outramente Barthes*, em Portugal, em 1988. No meu parecer, esta obra é muito barroca. Escreveu também vários artigos sobre Barthes, especialmente sobre a recepção crítica dos textos barthesianos. Eu acho estes trabalhos muito académicos.

3º) A. Sirvent Ramos publicou dois livros: *Roland Barthes. De las críticas de interpretación al análisis textual*, no «secretariado de publicações» da Universidade de Alicante, em 1989; e *La teoría textual barthesiana*, no «serviço de publicações» da Universidade de Murcia, em 1992. Neles expõem a abordagem de Barthes nos campos da crítica literária e da teoria da literatura. É este um domínio em que a obra barthesiana tem nota e larga presença.

Do mundo americano, só tenho constância dum breve texto, o livro de José Luis de Diego, *Roland Barthes, una babel feliz*, publicado em Argentina em 1993. Por força, deve de haver mais cousas.

Volverei sobre estes pontos. Mas, de momento, vou acabar lembrando os títulos dos livros sobre Barthes publicados alhures e traduzidos ao espanhol. Polo de agora, som tres: o pequeno texto «On Barthes» de S. Sontag, «La escritura misma: sobre Barthes», em 1983; o *Barthes* de J. Culler, em 1987; e a biografia *Roland Barthes* de L.-J. Calvet, em 1992.

### *A recepção crítica: os silêncios*

Por outra parte, dizem que a recepção da obra de Barthes foi umha «recepção silenciosa» também porque se produziu sem «ruído»: com efeito, nengum texto de Barthes produziu escândalo nos nossos pagos. E mesmo se podem constatar fenómenos paradoxais.

Por exemplo, o livro *Crítica y verdad (CV)*, aparecido em 1972, foi muito bem recebido pela universidade... apesar de ser *CV* um alegato contra a (na verdade, «umha») crítica literária universitária (... no contexto da polémica desatada pela interpretação de Racine que fixera Barthes em *SR*). Atopamos de novo, aqui, as diferenças culturais entre a França e Espanha. Assi, o êxito universitário de *CV*, aparentemente paradoxal, é perfeitamente compreensível se se examina um pouco de perto o contexto de recepção: a cultura

espanhola, a começos dos anos 70. Em tal sentido, queria fazer, pelo menos, duas observações.

1ª) Cumpre dar-se conta, antes de mais nada, que Racine em espanhol nom é mais que umha referência da cultura universal. E, em razom disto, nom é umha figura ideologicamente —politicamente— investida. Assi, poderia dizer-se sem escândalo, por exemplo, que a «defensa do honor» em Racine é o «medo à castração». E esta proposição nom acarretaria mais, nom significaria outra cousa, que umha nova perspectiva sobre um tema ja conhecido. Pola contra, se se dicesse que a «defensa do honor» —por exemplo— em Calderón é o «medo da castração», daquela todo cambiaria. Isto seria provavelmente percebido como um ataque à cultura espanhola e à própria Espanha. Mas, voltemos a Racine. Em consequência, para o leitor universitário espanhol da época, *Crítica y verdad* (e tamém *SR*, que naquela altura nom estava traduzido<sup>13</sup>) nom significará mais que umha renovação das perspectivas analíticas. Mais exactamente, este livro será percebido como o signo dum combate para a transformação das instituições académicas, em resumo, para a mudança «tamém» política no seo da universidade. Neste momento, chegamos à segunda observação que queria fazer.

2ª) Cumpre dar-se conta de que, em Espanha, a «querela dos antigos e dos modernos»<sup>14</sup> é, na universidade, a luta contra a ditadura e pola democracia. Que esta querela tem, na França um outro sentido? Isto pouco importa. O texto, *CV*, será lido segundo as coordenadas do contexto de recepção, onde o livro receberá um outro sentido<sup>15</sup>.

Ora, hai um outro caso: um possível escândalo que nom o foi. Penso em *SA*. Estando a cultura espanhola, durante a história recente, quase que hegemonizada polo catolicismo, deveria de esperar-se umha verdadeira comoção depois da aparição deste texto no que Loyola «co-habita» com Sade e Fourier. Mas este escândalo nom se produziu. Por que? A resposta é singela. Basta com fazer tres observações para o explicar.

1ª) O livro *Sade, Loyola, Fourier (SA)* foi publicado em 1977 em Venezuela, onde a pressom cultural da igreja católica era bem mais frouxa que em Espanha. Entom, o centro de irradiação do texto é Venezuela, e o contexto imediato é América.

2ª) Em América, e tamém em Espanha, os jesuítas jogam —ja a finais dos anos 70— um papel político-social progressista. Aparentemente, eles nom recebém mal a vizinhança do seu santo fundador co escritor libertino e o socialista utópico. Além de co seu silêncio, eles e, sobretudo, os ex-jesuítas e

<sup>13</sup> As posições crítico-literárias (teóricas) mantidas por Barthes, porém, eram ja conhecidas por *Ensayos críticos (EC)*, publicado em 1967.

<sup>14</sup> Assi foi denominada a polémica levantada por *SR*, na que se inscreve *CV*, que contém a resposta de Barthes aos seus críticos.

<sup>15</sup> Um achegamento à compreson espanhola da polémica francesa: «Crítica universitaria frente a *Nouvelle critique*. La polémica Picard-Barthes», in A. Sirvent, *Roland Barthes. De las críticas de interpretación al análisis textual*, Alicante, Universidad de Alicante, 1989, pp. 21-60.

os ex-alunos dos jesuítas mesmo contribuírom à difusom deste texto barthesiano, quando menos no meio universitário espanhol.

3ª) Neste contexto histórico-cultural, a condena (quer dizer, a crítica) por parte da igreja oficial e/ou da cultura oficial nom teria conseguido mais que empiorar e debilitar as suas próprias posiçoms, muito combatidas naquel momento —finais dos 70— de surgência e efervescência democrática.

Enfim, comprende-se por que, em torno a *Sade, Loyola, Fourier (SA)*, nom se produziu nengum escândalo. E nom parece que vaia produzir-se agora, desde a sua apariçom em Espanha em 1997.

Por último, se nom houve escândalos, Barthes em espanhol tampouco conheceu nengum grande sucesso. Por outras palavras, nengum dos seus livros tivo um éxito —nem remotamente— comparável ao sucesso de *DA* em França. Tamém neste sentido, pois, a recepçom foi «silenciosa».

Ora, atençom: recepçom «silenciosa» mas alargada, pois, nom o esqueçamos, quase todos os livros de Barthes conhecêrom várias ediçoms.

### *Daquela, que Barthes em espanhol?*

Gostaria ainda de falar dum outro texto, *PT*, e a sua recepçom em Espanha. Algo direi despois. Mas, agora, vou passar à última questom a respeito da recepçom: que Barthes temos em espanhol? Ou, dito doutra maneira, quais som as linhas maiores da recepçom espanhola? É melhor que encaremos estas perguntas sucessivamente, a umha despois da outra.

Antes, quereria precisar —porque ainda nom o fixem— que as ediçoms espanholas se correspondem, praticamente, ponto por ponto coas originais francesas. Só se contam algumas excepçoms que, na vastidade da obra barthesiana, nom revestem importância. A mais notável, talvez, é a ausência do ensaio «Fromentin: *Dominique*» (*NE*, pp. 156-169) na versom espanhola *Nuevos ensayos críticos*. As outras, som ainda questoms menores<sup>16</sup>. Na verdade, como dixemos, nom tenhem transcendência.

Entom, que Barthes se pode atopar na bibliografia em espanhol? Na minha opiniom, fundamentalmente atopamse dous: o Barthes «crítico-científico» e o Barthes «estético-místico». Perdom por empregar aqui a minha própria terminologia como estudioso barthesiano. Para aclará-lo, direi que estes Barthes som umhas contracçoms ou, melhor, que som dous Barthes contraídos (ou compactados) que integram em duas redes os —na minha opiniom— quatro nós fundamentais do texto barthesiano: a crítica, a ciência,

<sup>16</sup> Assi, em *Ensayos críticos*, 1983, nom é incluído o «avant-propos 1971» (*EC*, pp. 7-8). As versoms espanholas de *OO* e de *BL* tampouco incluem as «Note de l'éditeur» assinadas por F. Wahl (*OO*, pp. 5-6; *BL*, pp. 9-10). Além disso, estes textos som um pouco diferentes dos originais: *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces* inclui «Alrededores de la imagen» que em francés está em *BL* (pp. 343-413); consequentemente, *El susurro del lenguaje. Más allá de la palabra y la escritura* nom inclui «Alentours de l'image». Estes exemplos som, creio, bastante significativos... da insignificância das diferenças.

a estética e a mística<sup>17</sup>. Em todo caso, hai um Barthes «crítico-científico», aquele dos livros aparecidos entre nós de 1967 a 1980: ele foi lido a partir e arredor da semiologia, considerada o centro irradiante, e, ao fio desta leitura, seguiron-se tamém duas tendências interpretativas (semiológicas): a umha, político-literária; a outra, político-sociológica. Depois, hai um Barthes «estético-místico», aquele dos livros aparecidos entre nós de 1980 a 1990: este foi lido sem chegar a desligar-se da referência semiológica, mas mudando o seu campo de inscrição do científico ao filosófico.

Por outra parte e para rematar, os campos, domínios ou registos, nos que se pode atopar a Barthes em espanhol som, esquematicamente, os seguintes:

1º) Os estudos de literatura: a título de exemplo, citei ja os trabalhos de A. Sirvent Ramos. Poderiam engadir-se muitos outros nomes, evidentemente<sup>18</sup>. É este um domínio privilegiado, o da hermenéutica, a teoria e a crítica literárias.

2º) Os estudos de comunicação (quer dizer, Image, Publicidade, Ciências da Informação, Estudos de Jornalismo, etc.): haveria que falar de todos aqueles que se ocupárom da semiologia barthesiana: G. Abril, J. Benavides,... e quiçais eu mesmo se se lhe dá à empresa semiológica um sentido abertamente filosófico.

3º) Os estudos de política e sociedade, entre a ciência (sobretudo a sociologia) e a filosofia (sobretudo a ética): entre outros, eu quereria lembrar, polo menos, o nome de J. M. Marinas.

Nestes registos todos, Barthes ocupa os lugares e joga os papeis mais vários, sendo a sua obra desde fonte de inspiração até referência de autoridade.

## II. A tradução

### *As traduções espanholas*

Antes de falar da tradução de Barthes, quero dizer umhas palavras sobre as traduções espanholas. Gostaria de sublinhar que reconheço o esforço das editoriais e que aprecio no que valem os trabalhos dos tradutores. Digo isto porque, ao longo da minha intervenção, vou criticar as traduções espanholas, assinalando às vezes erros importantes. Mas, quereria evitar que se pudesse pensar que fago umha condena destes trabalhos. Em absoluto. Bem ao contrário, penso que as traduções espanholas dos textos de Barthes som em geral «passáveis». Se se me permite um toque professoral, eu diria que merecem, sobre um máximo de 10, umha qualificação media de 6 ou mesmo 7.

<sup>17</sup> Veja-se: *Sobre Barthes*, Santiago, Universidad de Santiago, Memoria de Licenciatura, 1983, pp. 13-131; *Una lectura de Barthes*, Santiago, Universidad de Santiago, Tesis Doctoral, Vol. I, pp. 15-133 e pp. 156-336.

<sup>18</sup> C. Bobes, J. M. Pozuelo, S. Wahnón,... por citar só alguns.

### As traduções espanholas: numerosos tradutores

A minha primeira observação crítica apoia-se no facto do número de tradutores. Ao meu ver, Barthes deveria ter sido traduzido por um, dois ou, como máximo, três tradutores. Isto permitiria conservar a unidade e ao mesmo tempo reforçar a potência da sua obra. A empresa era, sem dúvida, possível: começou-se a traduzir a Barthes em 1972-1973, quando ele já publicara uma boa parte da sua obra. O projecto quíçais existiu: Siglo XXI publicou sete livros de Barthes (oito, incluindo a tradução de *GV*), quatro dos quais foram traduzidos por Nicolás Rosa. Mas, quanto ao resto, o princípio geral foi quase sempre o mesmo: para cada tradução (para cada texto barthesiano), um tradutor; cujos nomes daremos ao registar a bibliografia.

Ora, isto consagra um princípio de instabilidade e variabilidade nas escolhas tanto lingüísticas quanto terminológicas. Por exemplo, como verter «investir» e «investissement»? De entrada, as palavras significam «invertir» e «inversión», o que em espanhol será, muitas vezes, equívoco. Logo, como termos psicológicos próprios do vocabulário psicanalítico, a sua correspondência espanhola é «catexis» («catectizar, catectizado») e, também, «carga» («cargar, cargado»)<sup>19</sup>. E, ainda, acontece que estes tecnicismos não têm passado, em espanhol, à linguagem coloquial. Em definitivo, plantejam-se numerosas dificuldades —das quais não sempre é ciente quem está a traduzir— que som resoltas de formas várias pelos diferentes tradutores<sup>20</sup>.

### As traduções espanholas: de Espanha a América

Por outra parte, lembro-vos que Barthes foi publicado em Espanha e em América, a maioria das vezes por editoriais hispano-americanas. Mesmo se poderia dizer que Barthes em espanhol é hispano-americano.

Do ponto de vista da tradução, isto não plantea nenhum problema, porque, a nível da língua normal de cultura não há mais que pequenas diferenças entre o espanhol de Espanha e o espanhol de América. É a miúdo não há mais que pequenas diferenças de sabor. Vou dar só dois exemplos:

<sup>19</sup> A tradução técnica é propriamente «catexis», mas também é empregado «carga». Veja-se a versão espanhola do *Vocabulaire de la psychanalyse* (Paris, P.U.F., 1968<sup>2</sup>) de J. Laplanche & J.-B. Pontalis: *Diccionario de psicoanálisis*, Barcelona, Labor, 1993. Ambos vocábulos, com as suas formas verbais, acho-los nos artigos referidos à freudiana *Besetzung* (o francês *investissement*): «Catexis» (pp. 49-53), «Contracatexis» (pp. 82-84) e «Retirada o ausencia de catexis» (pp. 387-388).

<sup>20</sup> E até inclusive, pelo mesmo tradutor. Assi, em *Sistema de la Moda*, Joan Viñoly i Sastre e Michèle Pendanx, apesar de indicar (p. 93 n. 1) que as «palabras francesas *investir* e *investissement* las traduciremos por *invertir* e *inversión* en el sentido económico y psicoanalítico», logo vertem «investis» por «invertidas» (p. 151; *SM*, p. 177) e por «afectantes» (p. 155 n. 17; *SM*, p. 177 n. 2). Nesse texto, o próprio Barthes, usando-os como sinónimos, propicia a tradução de «investi» por «implícito» (*SM*, p. 97 n., p. 177 n. 2, p. 316). Além disso, os tradutores empregam sempre as aspas (p. 93 n. 1, p. 151, p. 274), ainda que Barthes só o faz uma vez, a primeira (*SM*, p. 97 n.).

um, para Espanha (a tradução americana de determinados «sites» e «échanges» de SA); e outro, para América (a tradução espanhola de «vous» de CC).

No primeiro caso, as palavras «paraje» e «canje», empregadas em *Sade, Loyola, Fourier* (SA), têm para mim uma ressonância que não têm as traduções espanholas habituais de «site» e «échange». Nesse contexto erótico, «paraje» e «canje» são palavras improváveis: quase impensáveis segundo o seu uso habitual, mas totalmente possíveis, e mesmo saborosas<sup>21</sup>. Por exemplo, para mim, «paraje» quer dizer «lieu + paysage», mentres que «sitio» (a tradução imediata e habitual de «site») quer dizer só «lieu». E lembro-vos que Barthes usa ali a palavra «site» para designar os «trous» do corpo,... E algo similar —umha outra estranheza, umha outra surpresa— me depara «canje». No segundo caso, o «vous» empregado pelo autor para dirigir-se ao destinatário em CC (por exemplo, quando di, no derradeiro capítulo<sup>22</sup>, «voyez les États-Unis» ... «entrez dans une boîte porno de New York»...) este «vous» teria sido traduzido em América pelo pronome de cortesia (em espanhol, terceira pessoa do singular e do plural: «usted, ustedes»). Mas, como o livro foi traduzido em Espanha, escolheu-se a segunda pessoa do plural («vosotros»), ou seja, a fórmula habitual em Espanha para dirigir-se a outros desde que hai a mínima relação. Pola contra, para um hispano-americano, as palavras de Barthes, traduzidas à maneira espanhola, devem parecer rudas e não demasiado educadas. Neste caso, creio, o verdadeiro Barthes seria o Barthes traduzido à maneira americana (e até ouvido à maneira americana).

Por outra parte, sucede que, às vezes, a distância entre Europa e América faz nascer erros surpreendentes, vistos desde Espanha. Por exemplo, a distância entre o Norte de África, Argentina e México poderia quiza explicar duas faltas assombrosas.

A primeira falta da que vou falar é quase inconcebível: não traduzíam a palavra «souk» em *El placer del texto* (PT). Assim, na primeira edição<sup>23</sup>, deixou-se a palavra em francês e entre aspas; numa outra edição revista<sup>24</sup>, «espanholizáram» a palavra, suprimindo-lhe o «o» («suk», pelo tanto). Nos dois casos, o editor puxou uma nota, explicando que se tratava dum «mercado árabe». Mas, existe uma palavra em espanhol, que está viva também fora do dicionário e é normal na língua falada. É a palavra «zoco», que designa um «mercado árabe», mas também as praças e os lugares de mercado (e mesmo os centros comerciais) em várias cidades de Espanha. A outra falta que vou citar é menos brilhante: em *Nuevos ensayos críticos* (NE), a cidade de Marrakech converteu-se em «la ciudad de Marruecos»<sup>25</sup>. Isto é

<sup>21</sup> Leam-se, por exemplo, para «paraje» as últimas linhas do epígrafe «Ocultar la mujer» (p. 136) e para «canje» o rótulo homónimo (p. 174), em *Sade, Loyola, Fourier* (SA, p. 128 e p. 165, respectivamente).

<sup>22</sup> CC, p. 182; *La cámara lúcida*, p. 198.

<sup>23</sup> *El placer del texto*, p. 64.

<sup>24</sup> *El placer del texto y Lección inaugural*, p. 80.

<sup>25</sup> *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos*, p. 244 (NE, p. 185).

possível, visto desde América. Agora bem, é evidente que estas faltas não plantejam nem problemas de leitura nem de interpretação.

E cumpre que diga o mesmo de certas dúvidas. Por exemplo, lendo *Crítica y verdad* (CV) e *Nuevos ensayos críticos* (NE), duvido que a tradução «interdicto» (do francês «interdit») seja apropriada<sup>26</sup>. O dicionário permite-a, claro está. Mas, pergunto-me: «interdicto» não será um arcaísmo? Ora, não estou seguro de que esta forma não esteja viva em América. Ou, por outra parte, continuo a duvidar e pergunto-me agora: esse «interdicto» (ou seja, o «interdit» barthesiano) não será, então, um termo jurídico? Não, isto não teria nenhum sentido... Em todo caso, seguindo com este exemplo, eu preferiria traduzir «interdiction» por «prohibición»... mas, «interdicción» é —segundo o dicionário— completamente possível e se o tradutor a escolheu é —imagino— porque esta palavra é uma palavra corrente aló, algures em América. Enfim, eu duvido,... e coma mim, penso, mais dum leitor espanhol interroga-se, perante estas palavras, e é levado a aprofundar na língua —na comunidade linguística— à qual pertence. Ora, hesitações como estas, já dixemos, não acarretam nem problemas de leitura nem de interpretação.

### *Os problemas de tradução: as dificuldades linguísticas*

Agora, acho, é já o momento de encarar os verdadeiros problemas de tradução da obra barthesiana. Devo, uma vez mais, fazer uma declaração preliminar: não vou falar de problemas de língua, *i. e.*, das dificuldades, dos engodos e dos riscos que se atopam traduzindo do francês ao espanhol. E tampouco vou falar dos problemas suscitados pelas palavras de época e o estilo barthesiano. Resumindo, não vou analisar linguísticamente —tampouco como tradutor— as traduções espanholas. Isto seria, pela minha parte, uma pretensão «obtusa». Por uma banda os meus conhecimentos e a minha competência em francês são muito limitados. Isto é evidente. Mas, sobretudo, queria mostrar algo diferente: os problemas específicos planteados pelo texto barthesiano no momento da sua tradução. Estas dificuldades serão, claro é, problemas de língua, de fala e de estilo, mas não só isso. Chamarei-lhes «problemas de texto», ou dificuldades do texto barthesiano.

Ora, não ignoro que os problemas de língua (e todos os que xurdirem da diferença linguística francês-espanhol) existem e são muito importantes. Por exemplo, em espanhol não há partitivo: daquela, que se deve fazer quando, em *BB*, nos atopamos com um fragmento intitulado «Partitivo», ou seja, quando Barthes tematiza discursivamente a categoria gramatical francesa «partitif/partitivo»? É evidente que se faz necessário redigir uma nota ex-

<sup>26</sup> *Crítica y verdad*, p. 23, p. 25, p. 30 (CV, p. 23, p. 25, p. 30); *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos*, pp. 232-233 (NE, pp. 176-177).

plicativa, como o fixo a tradutora espanhola<sup>27</sup>. Um outro exemplo: em espanhol hai um artigo e pronomes neutros. Mas em francés o neutro está oculto sob o masculino. Em consequência, o tradutor espanhol deverá saber reconhecer o neutro sob o masculino francés. Mas por vezes equivocárom-se e traduzírom um «lui» neutro francés por um «él» masculino espanhol: por exemplo, o tradutor de *Mitologías* (MT) quiçais creu que se falava de algo (ou alguém) masculino (porque traduziu o «lui» por um «él»), quando Barthes invoca o *Einverständnis* de Brecht («à la fois intelligence du réel et complicité avec lui»)<sup>28</sup>. Ainda um outro caso: a oposição fonética s/z tem sentidos diferentes em francés e em espanhol. Estou a pensar, aqui, na tematização desta oposição em *SZ*<sup>29</sup>. Enfim, hai importantes problemas de língua, de fala e de estilo. Devo porém reconhecer que estes problemas se me escapam. Tenho a impressom de que descubro alguns de quando em vez e por azar. Em consequência, nom falarei deles. E mesmo, acho que estes problemas «lingüísticos» nom tenhem mais que umha relação accidental —até mesmo inessencial— co texto barthesiano. Hai-nos, mas atopam-se por todas partes em qualquer tradução do francés ao espanhol. E eu preferiria —quero— falar de algo específico do texto de Barthes.

### *Os problemas de tradução: as dificuldades textuais*

Pois bem, na minha opiniom, o texto barthesiano plantea aos tradutores dous tipos de problemas: 1) dificuldades de sentido ligadas ao vocabulário; e 2) dificuldades de sentido ligadas à composição.

### *Dificuldades de sentido ligadas ao vocabulário*

Está claro, pois, que quando digo «dificuldades de vocabulário», nom penso no vocabulário —digamos— «lingual» (ou seja, o repertório lingüístico-idiomático geral habitual) e tampouco penso nos neologismos barthesianos. Em geral, a sua tradução apresenta poucas dificuldades, porque os procedimentos de criação de palavras, em francés e em espanhol, som a miúdo coincidentes e, ademais, porque o recurso à fonte grega e latina é igualmente compartilhado polas duas línguas romances. Assi, nom hai nengum problema em espanhol para traduzir um neologismo tipicamente francés como «écrivain», ou para restituir um outro de raiz grega como «proairétique», ou para adoptar tal qual um latinismo como a definição da fotografia («imago lucis

<sup>27</sup> Roland Barthes por Roland Barthes, p. 157 (BB, p. 147).

<sup>28</sup> *Mitologías*, p. 255 (MT, p. 244).

<sup>29</sup> Concretamente: *S/Z*, p. 89 (SZ, p. 113). Por outra parte, ainda sendo o mais emblemático por levá-la no seu título, nom é *SZ*, nem muito menos, o único texto em que Barthes tematiza esta oposição (s/z).

opera expressa») cunhado em *CC*<sup>30</sup>. Nom, o que quereria comentar é umha outra sorte de dificuldades, que poderiam ser chamadas dificuldades terminológicas. Para as explicar, vou-me servir dumha tríada que Gilles Deleuze utilizou com êxito para analisar e re-sintetizar a ética de Espinosa e que ele, desta vez com Félix Guattari, empregou ainda, com nom menor fortuna, para veicular a sua própria compreensão e concepção da filosofia. Refiro-me aos termos: conceito, percepto e afecto<sup>31</sup>. Pois bem, à minha vez, vou redefini-los para falar de Barthes. Entom, que som: 1) os conceitos, 2) os perceptos e 3) os afectos?

### *Dificuldades de vocabulário: os conceitos*

Chamarei conceito a «um termo cunhado ou definido num domínio, campo ou registo, científico, artístico, técnico ou filosófico, e pertencente em consequência a linguagens mais ou menos especializadas». Atopam-se muitos nos textos de Barthes. Hai por todas partes: uns tirados doutros discursos e disciplinas; outros, propostos —definidos— polo próprio Barthes. O tradutor deverá saber reconhecer os conceitos, que estão com frequência ocultos sob palavras correntes. Com efeito, errando na tradução mesmo dum só dos conceitos, o tradutor arrisca-se a falhar na tradução inteira dum texto. Isto pode suceder porque os conceitos funcionam a miúdo como pontos de articulação do texto. Vou dar dous exemplos: «parole» e «écrivant».

No primeiro caso, trata-se dum conceito tirado por Barthes da lingüística. Pois bem, sucede que «parole», em espanhol, tem duas traduções possíveis: «habla» («parole»), como conceito, e «palabra» («mot»), no uso comum. Dito doutra maneira, nós em espanhol empregamos, na língua falada, a palavra «palabra» («mot») nos contextos em que os franceses empregam «parole». Para nós, a palavra «palabra» quer dizer «mot» e tem também, assemade, o significado de «parole». Porém, num contexto teórico ou científico, «palabra» só quer dizer «mot», e para dizer «parole» cumpre empregar «habla». Ora bem, o tradutor de *DZ* nom reconheceu o conceito lingüístico e traduziu «parole» por «palabra», *i. e.*, «mot». Em consequência, umha boa parte deste livro, *El grado cero de la escritura*, resulta completamente ilegível, verdadeiramente incompreensível. Mostro dous exemplos. Substituíde vós mesmos «parole» por «mot» nas frases seguintes de *DZ*: «la langue est comme une Nature qui passe entièrement à travers la parole de l'écrivain» (p. 11),...

<sup>30</sup> Assi figura, tal qual, em *La cámara lúcida*, p. 143 (*CC*, p. 127). De «proairétique» fai Barthes abundante uso em *SZ*, sendo denominado com este termo, de orige em Aristóteles, o código das açõs (p. 25 e ss.). Na tradução espanhola é vertido por «proairético» (p. 13 e ss.). Sobre «écrivant» voltaremos mais adiante.

<sup>31</sup> Sobre eles e referidos a Espinosa, Deleuze versa, muito sinteticamente, em «Spinoza et les trois éthiques» (in *Critique et clinique*, Paris, Éd. Minuit, Paris, pp. 172-187) e, ainda mais sinteticamente, em «Lettre à Réda Bensmaïa, sur Spinoza» (in *Pourparlers*, Paris, Éd. Minuit, 1990, pp. 223-225). Com F. Guattari, trata-os amplamente em *Qu'est-ce que la philosophie?*, Paris, Éd. Minuit, 1991.

«tout un désordre qui s'écoule à travers la parole» (p. 18),... «ce qui oppose l'écriture à la parole» (p. 18),... etc.<sup>32</sup>. E, agora, lede o texto: atoparedes-vos, pouco mais ou menos, cos problemas de comprensom que o leitor espanhol encontra em *El grado cero de la escritura*<sup>33</sup>. No segundo caso, a propósito de «écrivant», um conceito proposto por Barthes em *EC*, quero só dizer que, na edição espanhola, *Ensayos críticos*, deixou-se o termo em francês sem traduzi-lo<sup>34</sup>. Pessoalmente, prefiro a solução de J. M. Marinas que, nos seus escritos, escolheu a tradução «escribiente», umha palavra que em espanhol nom é um neologismo mas que admite maravilhosamente, entre os seus sentidos, o significado do barthesiano «écrivant»<sup>35</sup>.

### *Dificuldades de vocabulário: os perceptos*

Agora, chamarei percepto a «um termo cunhado ou definido num campo, registo ou domínio, científico, artístico, técnico ou filosófico, mas que está ja mais ou menos incorporado à língua ordinária, à língua comum». Tamém se atopam muitos no texto barthesiano. Pode dizer-se que se trata de conceitos vulgarizados ou popularizados. Barthes mesmo tentou passar alguns conceitos à língua ordinária, inscrevendo-os nela como perceptos. Darei um exemplo de cada tipo. Evidentemente, os perceptos plantejam ao tradutor tantos problemas como os conceitos. E entranham tamém uns riscos semelhantes.

«Fantasme» é um percepto que Barthes tomou da literatura psicanalítica. Ora, este percepto é na sua orixe um conceito psicanalítico e, andando o tempo, tornou-se assimesmo umha palavra corrente na vida quotidiana e na language ordinária, pola difusom e a influência da psicanálise. Pois bem, em espanhol a tradução técnica é «fantasía» (ou tamém, por ser esta algo equívoca e pouco precisa, «fantaseo»)<sup>36</sup>. Além disso, tamém se admite, no caso dos psicólogos, a tradução «fantasma»,... umha palavra que, na língua comum, quer dizer «phantôme». Por outra parte, na língua ordinária espanhola, utiliza-se tamém a palavra «fantasma» (para designar um «fantasme»), mas quando a fantasia tem conotações negativas. Em definitivo, deveria ter-se traduzido quase sempre o «fantasme» do francês polo espanhol «fantasía» e/ou «fantaseo». Mas, foi a miúdo traduzido por «fantasma», *i. e.*, «phantôme» e/ou «fantasie négative». Isto produz efeitos realmente (per)turbadores. Ve-

<sup>32</sup> Pola sua claridade a este respeito, caberia ainda assinalar, ja na segunda parte de *DZ*, o epígrafe «L'écriture et la parole» (p. 58).

<sup>33</sup> Respectivamente: p. 17, p. 26, p. 26 e p. 80.

<sup>34</sup> *Ensayos críticos*, «Écrivains y écrivants», pp. 177-187.

<sup>35</sup> A. Sirvent emprega indistintamente «écrivant» e «escribiente» (e em coerência com esta forma, «escribancia»). Veja-se: «El écrivant» (e «Escritura y escribancia») in *La teoría textual barthesiana*, Murcia, Universidad de Murcia, 1992, pp. 60-65 (e pp. 86-91).

<sup>36</sup> A forma canónica é «fantasía» e o verbo «fantasear», de onde deriva «fantaseo». Veja-se: «Fantasía» (pp. 138-143) in J. Laplanche & J.-B. Pontalis, *Diccionario de psicoanálisis*, Barcelona, Labor, 1993, versom espanhola do seu *Vocabulaire de la psychanalyse* (Paris, P.U.F., 1968<sup>2</sup>).

jamos alguns exemplos: lede, em *SA*, o parágrafo «Le fantasme» (pp. 67-70), a propósito de Loyola, e o parágrafo «Dictée» (pp. 167-168), a propósito de Sade; lede, em *BB*, os fragmentos «L'écrivain comme fantasme» (pp. 81-82), «Le fantasme, pas le rêve» (p. 90), «Un fantasme vulgaire» (p. 92). E, no sítio de quase todos esses «fantasmes», ponde «phantômes» e/ou «fantaisies négatives». Mesmo se conservades ainda o percepto «fantasme» coas novas conotações («phantôme» e/ou «fantaisie négative»), o sentido destes textos, por obra delas, vai modificar-se. Algo semelhante pode pois suceder-lhe ao leitor espanhol com estes «fantasmas» de *Sade*, *Loyola*, *Fourier*<sup>37</sup> e de *Roland Barthes por Roland Barthes*<sup>38</sup>.

Por outra parte, hai umha palavra jurídica «dés hérence» que Barthes, nos seus textos, propuxo como um percepto. Pode-se intentar defini-lo: a «dés hérence» seria um estado social de persistência e abandono, percebido por um sujeito exterior e que tem vontade de entrar nele. Vede umhas passagens de Barthes: *NE*, p. 185, onde ele propom o percepto «dés hérence»; *LE*, p. 41, e *CC*, p. 66, onde se serve do percepto «dés hérence». Ora, os tradutores espanhóis nom traduzírom bem a «dés hérence». Eles usárom duas palavras: «des-herencia», em *Nuevos ensayos críticos (NE)* e «desheredamiento», em *Lección inaugural (LE)* e em *La cámara lúcida (CC)*<sup>39</sup>. Estas palavras estám, ambas as duas, relacionadas coa idea de «desheritage» e de «des-heriter», que som umha outra cousa completamente diferente de «dés hérence». Aqui, como noutras partes, o matiz é muito importante. Ao meu entender, o tradutor deveria ter acudido à palavra jurídica espanhola «herencia vacante» que se corresponde co francés «dés hérence». Paradoxalmente, é partindo do direito e traduzindo literalmente, como se obtém umha expressom apropriada, rica em matizes e em potência metafórica. Outramente, evitando a tradução literal e profundando na metafóricidade, poderia-se igualmente empregar a expressom «legado desierto» (mais ou menos, «legs désert»).

### *Dificuldades de vocabulário: os afectos*

Finalmente, chamarei-lhe afecto a «um termo marcado da língua ordinária, palavras ou expressons da língua comum investidas ja polo autor ja por outros». Hai muitos em Barthes. Por vezes atopam-se explicitamente mar-

<sup>37</sup> «El fantasma», pp. 68-70; «El dictado», pp. 175-177. Em *Sade*, *Fourier*, *Loyola*, porém, a tradução escolhida é «fantasía», em ambos os epígrafes: «La fantasía», pp. 77-80; «El dictado», pp. 187-189. E, ainda, di «encuentro fantaseado» (p. 79) e «fantasear el argumento» (p. 187) onde se dizia «hallazgo fantasmal» (p. 69) e «fantasmizar el argumento» (p. 175) em *Sade*, *Loyola*, *Fourier* (*SA*: «rencontre fantasmatique», p. 68, e «fantasmer l'argument», p. 167).

<sup>38</sup> Assi: «El escritor como fantasma» (p. 85), onde tras reiterar «fantasma» aparece ao final «fantasía»; «El fantasma, no el sueño» (p. 96); e «Un fantasma vulgar» (pp. 96-97), onde consta assimesmo «fantasmagoría» (p. 97) para traduzir «fantasmatique» (*BB*, p. 92).

<sup>39</sup> *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos*, p. 244; *El placer del texto y Lección inaugural*, p. 145; *La cámara lúcida*, p. 82.

cados por aspas ou pelo uso de letras maiúsculas. Mas, por vezes, nom hai nengumha marca que revele a existência dum afecto sob a aparência dumha palavra qualquer. Daí, as dificuldades para o tradutor. Vou dar vários exemplos: dous afectos marcados tomados doutros, e dous afectos nom-marcados tipicamente barthesianos.

Para o primeiro caso, colho dous exemplos de *MT*: o «Vin de France» e «Histoire». Está claro que Barthes escreve «Vin de France» com duas maiúsculas para indicar que este produto é, para os franceses, um objeto institucional —umha instituição por si mesmo— e, daquela, para sublinhar o seu carácter mitológico. Em espanhol, traduziu-se esta expressom por «vino francés» («vin français»), com duas minúsculas<sup>40</sup>. Entende-se, claro. Mas, do francés ao espanhol algo desapareceu. A menos que haja umha outra leitura: suprimindo as maiúsculas e utilizando o adjectivo «français/francés» em vez do substantivo «France/Francia», o tradutor de *Mitologías* (*MT*) terá querido deslizar umha crítica de cor patriótica espanhola ao «bon Vin de France», de que fala Barthes? Estamos, pois, diante dum episódio da rivalidade comercial entre a França e Espanha? Diante dumha crítica velada à União Europeia e a sua política agrícola? O outro caso, o esquecimento nessa mesma tradução espanhola da maiúscula de «Histoire» é mais importante. Com efeito, se se le com atenção *MT*, mas tamém os textos de *DZ* a *EC*, verá-se que Barthes lhe concede um lugar de grande importância à História. A dizer verdade, agás em *MM*, nom fala muito dela, limita-se a indicá-la co dedo. Mas, a história tem umha muito grande importância no fondo destes textos: atreverei-me a dizer que ela —a história— é o equivalente do real, a sua presença nomeada no texto<sup>41</sup>. Daquela, em *MT*, a maiúscula de «Histoire» no parágrafo sobre «la privation d’Histoire» (a maiúscula roubada —duas vezes— na tradução espanhola<sup>42</sup>) sublinha um investimento profundo, mais longe e aló do conceito marxista de história (Marx é citado aquí em nota) e mais longe e aló tamém do percepto corrente do marxismo político da época.

Por outro lado, citando dous exemplos, quereria lembrar um investimento tipicamente barthesiano. Falo aqui de investimento a nível do trabalho do dia a dia e do combate quase ininterrompido. Neste ponto, penso que nom se pode facilmente perdoar que, no título de *Lección inaugural* (*LE*), o tradutor ou o editor tenha posto «lingüística» («linguistique») no canto de «literaria» («littéraire»), duas vezes no interior do livro (p. 3 e p. 111)<sup>43</sup>. E, em consequência, Barthes teria obtido a Cadeira de Semiologia Lingüística do *Collège de France*. Isto nom é grave. É um pequeno detalhe. Pode contodo perturbar muito a leitura. Neste mesmo sentido, pode-se lembrar a tradução

<sup>40</sup> *Mitologías*, p. 254 (*MT*, p. 245).

<sup>41</sup> Assi o entendemos em: *Sobre Barthes*, Santiago, Universidade de Santiago, Memoria de Licenciatura, 1983, pp. 27-31; *Una lectura de Barthes*, Santiago, Universidade de Santiago, Tesis Doctoral, Vol.I, pp. 29-33 e pp. 318-321.

<sup>42</sup> *Mitologías*, p. 247 (*MT*, p. 239).

<sup>43</sup> Figura correctamente, porém, na p. 145 («semiología literaria»).

de «lettre» por «carta» («missive») nas derradeiras linhas de *La cámara lúcida* (CC). Parece-me que, com isso, se desconhece todo o que Barthes quer provavelmente transmitir com «lettre». Ao meu entender, a barthesiana «lettre du Temps» (CC, p. 183) é —todo ao mesmo tempo— o traço, a pegada, a marca, o sulco,... mesmo a essência e a *realitas* do tempo. Nada que ver, pois, cumha missiva. E ainda mais, a frase espanhola<sup>44</sup> nom tem nengum sentido: é que o tempo envia cartas, ou é que joga às cartas (umha outra possibilidade do espanhol «carta»)? Incrível. Realmente incrível, tanto que dou em pensar que quicás som eu o que se equivoca. Agora bem, para traduzir essa «lettre du Temps», respeitando o afecto barthesiano, eu diria por exemplo «la escritura del Tiempo» (i. e., «l'écriture du Temps»). E, ao meu entender, até mesmo valeria, nom iria mal, a restituição literal: «la letra del Tiempo». Nom vou insistir.

Enfim, quero só dizer em conclusom que, sem reconhecer os conceitos, os perceptos e os afectos (estes dos que falei ou outros), que som elementos que dam profundidade e volume aos textos, as traduções nom estão —nem funcionam— muito bem.

### *Dificuldades de sentido ligadas à composição*

Hai ainda outros problemas de tradução característicos do texto barthesiano: chamei-lhes ja «dificuldades de sentido ligadas à composição». Nom me refiro a problemas de fraseologia, às expressões idiomáticas, etc. Todo isto é muito importante. Mas, o que quereria mostrar som os problemas que nacam —por exemplo— da dialéctica entre o título e o livro, ou entre as ilustrações e o texto. E quero sobretudo falar de certas dificuldades derivadas da estruturação de certos textos. Enfim, trata-se, pois, de problemas de articulação. Em síntese, imos ver as dificuldades referentes à composição e relativas: 1) à titulação, 2) à ilustração e 3) à estruturação.

### *Dificuldades de composição: a titulação*

Primeiro, a titulação: hai um título em espanhol que condiciona um pouco ao viés a leitura. Eu nom diria que vire o sentido do texto. Mas, quando menos, este título espanhol sugere um desvio. Penso no título de CC: em espanhol, *La cámara lúcida*, quer dizer, «la cámara lucide». Isto cámbia sem dúvida a perspectiva do leitor. Este título vai preferentemente dirigir a sua atenção e a sua compreensão cara a fotografia do «operator» (digamos, mantendo-nos na terminologia barthesiana<sup>45</sup>). Ou se se prefere, este título aponta antes para a toma da foto que para a contemplação do fotografado: por

<sup>44</sup> *La cámara lúcida*, p. 200: «la carta misma del Tiempo», como tradução de «la lettre même del Temps» (CC, p. 183).

<sup>45</sup> Sobre «operator» (e «spectator»): CC, pp. 22-24.

outras palavras, sublinha antes a mirada do «operator» que a vidência do «spectator» (digamos, lembrando novamente a terminologia barthesiana). A dizer verdade, este título espanhol nom é tam perverso. Porque a palavra «cámara» significa «chambre» e «caméra». E mesmo «lúcida» («lucide») tem algo que ver com «iluminada». Mas, para um leitor que nom seja igualmente um fotógrafo amador e/ou que nom conheza a «cámara oscura» («la chambre obscure»), vai surgir-lhe só a idea de «caméra», a image do aparelho fotográfico e o expediente da toma da foto. Agora bem, o problema nom tem muita importância, porque as páginas de *CC* som suficientemente claras.

### *Dificuldades de composição: a ilustração*

Agora, tenho que dizer praticamente o mesmo da minha segunda observação, a ilustração. Chamei-lhe assi à dialéctica entre as ilustrações e o texto. Pode dizer-se que todos os exemplos de importância receberam o tratamento apropriado por parte dos editores espanhóis. Mas, cabe salientar alguma excepção. Assi, em *S/Z* em espanhol suprimírom a reprodução de «Le sommeil d'Endymion» de Girodet, constante na edição original (*SZ*, p. 4). Daí, pois, pequenos problemas de leitura. Cumpre reproduzir, re-pintar o quadro de Girodet coa ajuda da imaginação ou dum livro de arte. Ou, outro exemplo, em *Sade, Loyola, Fourier* figura o esquema da «árvore da primeira Semana», mas sem os traços que deveriam relacionar as palavras (p. 63), resultando em consequência ininteligível. Contodo, é só um pormenor, que nom afecta à compreensão geral do texto.

### *Dificuldades de composição: a estruturação*

Finalmente, vou falar da estruturação. Esta, um procedimento compositivo tipicamente barthesiano, plantea problemas de importância. A causa da sua estruturação, vários textos de Barthes podem receber sentidos notavelmente diferentes na tradução. É o caso dos textos constituídos por fragmentos articulados «aparentemente» segundo a orde alfabética. Designadamente: *PT*, *BB* e *DA*.

Poderia considerar-se *PT* como um pequeno dicionário (ou glosário) de «hyphologie»<sup>46</sup>, de poética do texto, ou —menos barthesianamente— de teoria da leitura, etc. Quando menos, trata-se dumha série de fragmentos temáticos dispostos em orde alfabética. Ora bem, na edição espanhola *El placer del texto*, conservou-se a orde original dos fragmentos mas suprimiu-se o índice final e por conseguinte, com aquel, os títulos dos fragmentos<sup>47</sup>. Em conse-

<sup>46</sup> *PT*, p. 101: «Si nous aimions les néologismes, nous pourrions définir la théorie du texte comme une *hyphologie* (*hyphos*, c'est le tissu et la toile d'araignée)».

<sup>47</sup> Constantes em *PT* nas pp. 107-108.

quência, as referências temáticas quase desapareceram por completo. De facto e quanto menos, deixáram de ser visíveis. Para o leitor espanhol, pois, Barthes neste livro lança-se e abandona-se à pura disseminação. O seu compromisso, se se pode dizer assi, seria a anarquia. Resumindo, ao suprimir o índice, introduziu-se, em *El placer del texto*, um sentido de fundo que é um pouco estranho ao pequeno tratado francês<sup>48</sup> sobre o «prazer do texto».

Por outra parte, o livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, a edição espanhola de *BB*, plantea problemas destes. O tradutor seguiu e manteve a estruturação feita por Barthes. E Barthes mesmo nom respeita sempre, em *BB*, a orde alfabética. Na nossa edição, os fragmentos estão dispostos na orde original e cos seus títulos em espanhol. Neste caso, a similitude e proximidade das línguas (o francês e o espanhol) permite conservar bastante a disposição alfabética —ou mais bem quase alfabética— que caracteriza tamém o texto original.

Porém, os problemas mais importantes apresentam-se em *DA*. Este texto seria, segundo o autor, umha constelação de 80 «figuras» arbitrariamente ordenadas seguindo a orde do alfabeto<sup>49</sup>. Ora bem, hai razons para duvidar da palavra do autor. Por umha parte, a semelhança da sua estruturação coa de *PT* e sobretudo coa de *BB* (onde a disposição alfabética tem um alcance limitado, como vimos de lembrar), deixa pensar, por exemplo, que o discurso amoroso tem um certo desenvolvimento formal e temático, mais ou menos flexível e vago. Doutra parte, certos episódios inseridos no discurso, e certas concomitâncias que se atoparam em *IN* (penso aqui na pequena história amorosa contada em «Soirées de Paris»<sup>50</sup>), deixam imaginar o esboço dumha história.

Verdade é, certamente, que todo isto bem pode quedar no fundo. Mas, em todo caso, hai umha orde de leitura. E, em consequência, os «fragmentos», lidos em francês segundo a sua própria orde alfabética, devenhem um discurso fragmentado que relaciona umha sucessom —mais ou menos devida ao azar— de palavras e acontecimentos: em resumo, temos umha sequência de «figuras» que desembocam num fundo de renúncia ao amor por parte do namorado, o sujeito amoroso. Pola contra, em espanhol, o «discurso» do namorado acaba na pura jubilação amorosa. E isto, porque o tradutor de *Fragmentos de un discurso amoroso (DA)* seguiu a instrução preliminar do autor e, actuando em consequência, reproduziu a constelação das 80 «figuras», os *Fragmentos de un discurso amoroso*, na orde alfabética dos seus títulos em espanhol. Lembrando as últimas «figuras», vejamos, os resultados. Comparemos, neste ponto, o original francês (a) coa tradução espanhola (b).

a) Em francês, as «figuras» do número 66 ao número 80 som<sup>51</sup>: 1ª) «ravisse-

<sup>48</sup> Aparentemente, até próximo dum certo espírito cartesiano. Talvez, por proximidade de *PT* co rigor ignaciano dos *Ejercicios espirituales* frequentados por Barthes.

<sup>49</sup> «Comment est fait ce livre», in *DA*, pp. 7-12.

<sup>50</sup> *IN*, pp. 71-116.

<sup>51</sup> *DA*, pp. 223-277.

ment»;... 2<sup>a</sup>) «regretté»;... 3<sup>a</sup>) «rencontre»;... 4<sup>a</sup>) «retentissement»;... 5<sup>a</sup>) «reveil»;... 6<sup>a</sup>) «scène»;... 7<sup>a</sup>) «seul»;... 8<sup>a</sup>) «signes»;... 9<sup>a</sup>) «souvenir»;... 10<sup>a</sup>) «suicide»;... 11<sup>a</sup>) «tel»;... 12<sup>a</sup>) «tendresse»;... 13<sup>a</sup>) «union»;... 14<sup>a</sup>) «vérité»;... e 15<sup>a</sup>) «vouloir-saisir». (Sublinho as «figuras» que vam desaparecer em espanhol).

b) Em espanhol, as «figuras» do número 66 ao número 80 som<sup>52</sup>: 1<sup>a</sup>) «por qué» («pourquoi»);... 2<sup>a</sup>) «querer-asir» («vouloir-saisir», 15<sup>a</sup>);... 3<sup>a</sup>) «rpto» («ravisement», 1<sup>a</sup>);... 4<sup>a</sup>) «recuerdo» («souvenir», 9<sup>a</sup>);... 5<sup>a</sup>) «resonancia» («retentissement», 4<sup>a</sup>);... 6<sup>a</sup>) «saciedad» («comblement»);... 7<sup>a</sup>) «salidas» («issues»);... 8<sup>a</sup>) «signos» («signes», 8<sup>a</sup>);... 9<sup>a</sup>) «soledad» («seul», 7<sup>a</sup>);... 10<sup>a</sup>) «suicidio» («suicide», 10<sup>a</sup>);... 11<sup>a</sup>) «tal» («tel», 11<sup>a</sup>);... 12<sup>a</sup>) «te amo» («je t'aime»);... 13<sup>a</sup>) «ternura» («tendresse», 12<sup>a</sup>);... 14<sup>a</sup>) «unión» («union», 13<sup>a</sup>);... e 15<sup>a</sup>) «verdad» («vérité», 14<sup>a</sup>). (Sublinho as «figuras» que aparecem em espanhol).

Através desta sumária comparaçom, pode-se adivinhar o efeito diferente, à hora da leitura, da ediçom francesa (a) e da tradução espanhola (b), quer dizer, a variaçom de sentido causada pola modificaçom da orde das «figuras»: ... o amor é mais feliz no sul!

Enfim, a estruturaçom de *DA* planteja aos tradutores umha questom de notável importância: que se deve fazer, manter na tradução a disposiçom das «figuras» na orde original francesa,... ou dispor as figuras na orde alfabética dos seus títulos na língua da tradução? De algum jeito, registar ambas?

### *E em conclusom*

Indicando estas dificuldades todas, quixem menos mostrar os pequenos erros e os pequenos achados das traduçons espanholas (que tenho em grande estima, ja o dixem),... que lembrar, percorrer de longe e vislumbrar ao fondo, o volume e a profundidade, os entrançados e a riqueza do texto barthesiano.

## III. Bibliografia

### *Obras de Barthes*

Recolhemos fundamentalmente os livros, remetendo basicamente no caso dos artigos (entrevistas, conferências, etc.), colocados sob o rótulo «outros textos», à extensa bibliografia de Thierry Leguay. Sob a rúbrica «livros», consignaremos os editados em vida assinados por Barthes (desde *DZ* até *CC*) mais as publicaçons póstumas editadas ao cuidado de François Wahl (*OO*, *BL*, *AS* e *IN*) e de Éric Marty (as *Oeuvres complètes*)<sup>53</sup>.

<sup>52</sup> *Fragmentos de un discurso amoroso*, pp. 200-251.

<sup>53</sup> De alargar os critérios marcados, figurariam mais textos entre os livros de Barthes. Por exemplo, algumas vezes entre eles som incluídos: *La Tour Eiffel*, Paris, ed. Delpire, 1964,

A numeração destas publicações servirá-nos, a seguir, para estabelecer as suas correspondências coas traduções espanholas. Também aqui distinguiremos entre «livros» e «outros textos», e assim mesmo reenviaremos orientativamente a outra bibliografia, devida a Joaquim Romaguera i Ramió, neste último caso, o dos artigos (entrevistas, conferências,... etc.) traduzidos.

Tanto nos originais quanto nas traduções, daremos alguma mostra desses «outros textos», indicando alguns títulos.

### Obras de Barthes: os livros

- 01 *Le degré zéro de l'écriture*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1953; reed. *Le degré zéro de l'écriture suivi de Éléments de Sémiologie*, ed. Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. *Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques*, ed. Seuil, col. Points, 1972.
- 02 *Michelet par lui-même*, Paris, ed. Seuil, col. Écrivains de toujours, 1954.
- 03 *Mythologies*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1957, col. Points, 1970.
- 04 *Sur Racine*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1963, col. Points, 1979.
- 05 *Essais critiques*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel 1964, 1971, col. Points, 1981.
- 06 «Éléments de Sémiologie», in *Communications 4*, Paris, ed. Seuil, 1964; reed. *Le degré zéro de l'écriture suivi de Éléments de Sémiologie*, Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. in *L'aventure sémiologique*, /ed. F. Wahl/, ed. Seuil, 1985.
- 07 *Critique et vérité*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1966.
- 08 *Système de la mode*, Paris, ed. Seuil, 1967.
- 09 «L'ancienne rhétorique», in *Communications 16*, Paris, ed. Seuil, 1970; reed. in *L'aventure sémiologique*, /ed. F. Wahl/, ed. Seuil, 1985<sup>54</sup>.
- 10 *L'empire des signes*, Genève, ed. Skira, col. Sentières de la création, 1970; reed. Flammarion, col. Champs, 1980.
- 11 *S/Z*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1970, col. Points, 1976.
- 12 *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1971, col. Points, 1980.
- 13 *Nouveaux essais critiques* (in *Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques*), Paris, ed. Seuil, col. Points, 1972<sup>55</sup>.
- 14 *Le plaisir du texte*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1973, col. Points, 1982.
- 15 *Roland Barthes*, Paris, ed. Seuil, col. Écrivains de toujours, 1975.

---

reed. Centre National de la Photographie, ed. Seuil, 1989; *Alors la Chine?*, Paris, ed. Christian Bourgois, 1975; *All except you. Saul Steinberg*, Paris, ed. Répères, 1983. É. Marty, nas *Oeuvres complètes*, considera o primeiro como «livro» (T. I, pp. 1379-1400) e os outros dois como «textos» (T. III, respectivamente, pp. 32-35 e pp. 395-416).

<sup>54</sup> Este texto é incluído pelo próprio Barthes entre os seus livros na bibliografia sita em *BB*, p. 185, onde cita a tradução italiana (livro), indicando a versão francesa (artigo). Nom adopta este critério É. Marty, quem coloca *AR* entre os «textos» de 1970 (*Oeuvres complètes*, T. II, pp. 901-960).

<sup>55</sup> Apesar de nom ter sido editado independentemente, *NE* é considerado geralmente como um livro. Assi figura, por exemplo, nas *Oeuvres complètes*, T. II, pp. 1335-1413.

- 16 *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1977.  
 17 *Leçon*, Paris, ed. Seuil, 1978.  
 18 *Sollers écrivain*, Paris, ed. Seuil, 1979.  
 19 *La chambre claire*, Paris, ed. Cahiers du Cinéma/Gallimard/Seuil, 1980.  
 /20/ *Lobvie et l'obtus*, /ed. F. Wahl/, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1982.  
 /21/ *Le bruissement de la langue*, /ed. F. Wahl/, Paris, ed. Seuil, 1984.  
 /22/ *L'aventure sémiologique*, /ed. F. Wahl/, Paris, ed. Seuil, 1985.  
 /23/ *Incidents*, /ed. F. Wahl/, Paris, ed. Seuil, 1987.  
 /24/ *Oeuvres complètes. Tome I, 1942-1965*, /ed. É. Marty/, Paris, ed. Seuil, 1993.  
 /25/ *Oeuvres complètes. Tome II, 1966-1973*, /ed. É. Marty/, Paris, ed. Seuil, 1994.  
 /26/ *Oeuvres complètes. Tome III, 1974-1980*, /ed. É. Marty/, Paris, ed. Seuil, 1995.

### Obras de Barthes: outros textos

- Barthes, R., *Le grain de la voix. Entretiens 1962-1980*, Paris, ed. Seuil, 1981.  
 Barthes, R. & M. Nadeau, *Sur la littérature*, Grenoble, ed. Presses Universitaires de Grenoble, 1980.  
 Leguay, Th., «Bibliographie générale (textes et voix) 1942-1982», in *Communications* 36, Paris, ed. Seuil, 1982, pp. 138-172.

### Traduções espanholas: livros

- 01 *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos*, trad. cast. Nicolás Rosa, Buenos Aires, ed. Siglo XXI, 1973.  
*El grau zero de l'escriptura i Nous assaigs critics*, trad. cat. Miquel Martí Pol, Barcelona, Edicions 62, 1973.  
*Idazkuntzaren zero gradua eta testuaren plazerra*, trad. eus. Juan Garzia, Bilbao, ed. Klasikoak, 1996.  
 02 *Michelet*, trad. cast. Jorge Ferreiro, México, Fondo de Cultura Económica, 1988.  
 03 *Mitologías*, trad. cast. Héctor Schmucler, México, Madrid, ed. Siglo XXI, 1980.  
 04 «El hombre raciniano», trad. cast. Carlos Ramírez Dampierre, in J. Racine, *Seis tragedias*, Madrid, ed. Alfaguara, 1985, pp. XI-CXL.  
 05 *Ensayos críticos*, trad. cast. Carlos Pujol, Barcelona, ed. Seix Barral, 1967, 1983.  
 06 «Elementos de Semiología», trad. cast. Silvia Delpy, in *La Semiología*, Buenos Aires, ed. Tiempo Contemporáneo, 1970; *Elementos de Semiología*, trad. cast. Alberto Méndez, Madrid, ed. Alberto Corazón, 1971; trad. cast. Ramón Alcalde, in *La aventura semiológica*, Barcelona, ed. Paidós, 1990.

- 07 *Crítica y verdad*, trad. cast. José Bianco, Buenos Aires, ed. Siglo XXI, 1972.  
*Crítica i veritat*, trad. cat. Jaume Vidal Alcover, Barcelona, ed. Llibres de Sinera, 1969.
- 08 *Sistema de la Moda*, trad. cast. Joan Viñoly con Michèle Pendanx, Barcelona, ed. Gustavo Gili, col. Comunicación Visual, 1978.
- 09 «La antigua retórica», trad. cast. Beatriz Dorriots, in *Investigaciones retóricas*, Buenos Aires, ed. Tiempo Contemporáneo, 1974; *Investigaciones retóricas I: La antigua retórica*, Barcelona, ed. Buenos Aires, 1982; trad. cast. Ramón Alcalde, in *La aventura semiológica*, Barcelona, ed. Paidós, 1990.
- 10 *El imperio de los signos*, trad. cast. Adolfo García Ortega, Madrid, ed. Mondadori, 1990.
- 11 *S/Z*, trad. cast. Nicolás Rosa, México-Madrid, ed. Siglo XXI, 1980.
- 12 *Sade, Loyola, Fourier*, trad. cast. Néstor Leal, Caracas, ed. Monte Ávila, 1977; *Sade, Fourier, Loyola*, trad. cast. Alicia Martorell, Madrid, ed. Cátedra, 1997.
- 13 *Nuevos ensayos críticos* (in *El grado cero de la escritura seguido de Nuevos ensayos críticos*), trad. cast. Nicolás Rosa, Buenos Aires, ed. Siglo XXI, 1973.  
*Nous assaigs critics* (in *El grau zero de l'escriptura i Nous assaigs critics*), trad. cat. Miquel Martí Pol, Barcelona, Edicions 62, 1973.
- 14 *El placer del texto*, trad. cast. Nicolás Rosa, Buenos Aires, ed. Siglo XXI, 1974; reed. *El placer del texto y Lección inaugural*, México, ed. Siglo XXI, 1982.  
*Testuaren plazerra* (in *Idazkuntzaren zero gradua eta testuaren plazerra*), trad. eus. Juan Garzia, Bilbao, ed. Klasikoak, 1996.
- 15 *Roland Barthes por Roland Barthes*, trad. cast. Julieta Sucre, Barcelona, ed. Kairós, 1978.
- 16 *Fragmentos de un discurso amoroso*, trad. cast. Eduardo Molina, México, ed. Siglo XXI, 1982.
- 17 *Lección inaugural* (in *El placer del texto y Lección inaugural*), trad. cast. Oscar Terán, México, ed. Siglo XXI, 1982.
- 19 *La cámara lúcida*, trad. cast. Joaquín Sala-Sanahuja, Barcelona, ed. Gustavo Gili, col. Fotografía, 1982; Barcelona, ed. Paidós, 1990.
- /20/ *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces*, trad. cast. C. Fernández Medrano, Barcelona, ed. Paidós, 1986.
- /21/ *El susurro del lenguaje. Más allá de la palabra y la escritura*, trad. cast. C. Fernández Medrano, Barcelona, ed. Paidós, 1988.
- /22/ *La aventura semiológica*, trad. cast. Ramón Alcalde, Barcelona, ed. Paidós, 1990.
- /23/ *Incidentes*, trad. cast. Jordi Llovet, Barcelona, ed. Anagrama, 1987.  
*Incidents*, trad. cat. Biel Mesquida Amengual, Barcelona, ed. Empúries, 1987.

*Traduções espanholas: outros textos*

- Barthes, R., *¿Por dónde empezar?*, trad. cast. Francisco Llinás, Barcelona, ed. Tusquets, col. Cuadernos Infimos, 1974.
- Barthes, R., *El grano de la voz*, trad. cast. Nora Pasternac, México, ed. Siglo XXI, 1983.
- Romaguera i J. Ramio, «Revisión bibliográfica (castellano y catalán)», en *La cámara lúcida*, Barcelona, ed. Gustavo Gili, col. Fotografía, 1982, ed. Paidós, 1990, pp. 206-207.

*Estudos sobre Barthes*

Recolhemos a produção científica hispânica e a vertida a língua espanhola, contida em livros e em revistas, sempre que estas sejam números especiais ou monográficos (*i. e.*, substancial ou totalmente consagrados a Barthes).

*Estudos sobre Barthes: livros*

- Calvet, L. J., *Roland Barthes 1915-1980*, Barcelona, ed. Gedisa, 1992.
- Culler, J., *Barthes*, México, ed. Fondo de Cultura Económica, 1987.
- De Diego, J. L., *Roland Barthes, una babel feliz*, Buenos Aires, ed. Almagesto, col. Perfiles, 1993.
- Marinas, J. M., *Los Signos en Sociedad*, Madrid, Universidad Complutense, Tesis Doctoral, 1980.
- Sirvent Ramos, A., *Roland Barthes. De las críticas de interpretación al análisis textual*, Alicante, Universidad de Alicante, 1989.
- *La teoría textual barthesiana*, Murcia, Universidad de Murcia, 1992.
- Sontag, S., «La escritura misma: sobre Barthes», epílogo em *Ensayos críticos*, Barcelona, ed. Seix Barral, 1983<sup>56</sup>.
- Soto, L. G., *Una lectura de Barthes*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago, Tesis Doctoral, 1986.
- *Outramente Barthes*, Porto, ed. Nova Renascença, 1988.

*Estudos sobre Barthes: revistas*

- Un ángel más 5*, Valladolid, 1988.
- Nova Renascença 54-55*, Porto, 1994.

<sup>56</sup> O original é um artigo: «Writing itself: on Barthes», aparecido em *The New Yorker*, New York, 26-Abril-1982, pp. 122-141, e incluído assimesmo no seu livro *A Barthes Reader*, New York, Hill and Wang, 1982. Ora, a tradução francesa é um livro: *L'écriture même: à propos de Barthes*, Paris, ed. Christian Bourgois, 1982.